

TRADUÇÃO

AS TRÊS LINGUAGENS DA ÉTICA DE SPINOZA *

RAIS BUSOM ZABALA **

TRADUÇÃO DE EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO ***

WANDEÍLSON SILVA DE MIRANDA****

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.52521/CONATUS.V17I28.16090](https://doi.org/10.52521/CONATUS.V17I28.16090)

“*Mentis oculi, quibus res videt, observatque,
sunt ipsae demonstrationes*”

Spinoza, *Ethica*, V, XXIII, Sch.

1 UMA ANOMALIA FILOSÓFICA

Se Spinoza constitui em relação a outras filosofias de seu tempo uma anomalia selvagem dentro do primitivo capitalismo holandês, também é certo que para os historiadores da filosofia, sua obra *Ethica*, constitui uma anomalia textual, por sua peculiar forma filosófica. Nem mesmo a ordenação dos aforismos do *Tractatus* de Wittgenstein, pode ser comparada com a expressão geométrica de Spinoza. Esta simples questão de forma originou, desde Hegel, um debate confuso sobre a normatividade hermenêutica da dedução lógica em relação às proposições de conteúdo ontológico. Esta característica não surpreendeu os contemporâneos; em vez disso foi problematizada pelo inventor da história da filosofia e preocupa seus seguidores até o presente.

2 AS TRÊS CONDIÇÕES DE UMA TEORIA FORMAL

Os aspectos formais da *Ética* são uma das chaves interpretativas inevitáveis no momento da leitura. O papel do “*more geométrico*” é capital para esclarecer sua ontologia. Historiograficamente, houve poucas pesquisas desde o ponto de vista da lógica simbólica, entre as quais se destacam as formalizações de Friedman e Jarret.¹ Do ponto de vista formal próximo do estruturalismo, Gueroult² propõe uma abordagem mais fértil: a literalidade da leitura. De qualquer forma, toda abordagem formal tenta ler a obra como um sistema axiomático no qual a verdade das proposições está condicionada unicamente pelo rigor formal de suas demonstrações: “Seguiremos, então, o autor na marcha genética dos seus pensamentos, segundo a ordem dedutiva que lhe é imposta

* Texto publicado originalmente em catalão: ZABALA, Rais Busom. *Els tres llenguatges de l'Ética de Spinoza*. *Anuari de la Societat Catalana de Filosofia*, n. 3, p. 65-73, 1989. Disponível em: <<https://revistes.iec.cat/index.php/ASCF/article/view/18393.001/2189>>. Acesso em: 10mai2025.

** Licenciado en Filosofía, UNIVERSIDAD DE BARCELONA. Profesor de Sociología y Ciencias Políticas, ICESB – UNIVERSITAT RAMON LLULL (1988–1992). Profesor internacional, PRIME Business School, UNIVERSIDAD SERGIO ARBOLEDA (Bogotá, 2022).

*** Professor da UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA. Coordenador do Grupo de Estudos Neo-Bio: ontologia, Corpo e Biopolítica. Membro do GT Benedictus de Spinoza - ANPOF 2026.

**** Professor da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE. Coordenador do GT Benedictus de Spinoza - ANPOF 2026.

1 V. FRIEDMAN, J., *A formalization of Spinoza's Ethics*, [Uma formalização da *Ética de Spinoza*], Ph. D., U. C. DAVIS, 1975. JARRET, Ch. E., *A study of Spinoza's metaphysics* [Um estudo da metafísica de Spinoza], Ph. D., U. C. BERKELEY e *The logical structure of Spinoza's Ethics, Part 1* [A estrutura lógica da *Ética de Spinoza, Parte 1*], *Synthese*, n. 37, 1978, pp. 15-66. Friedman em escritos posteriores, como *Some Settheoretical Partition Theorems suggested by the structure of Spinoza's God* [Alguns Teoremas de Partição Teórica de Conjuntos sugeridos pela estrutura do Deus de Spinoza], ou *The Universal Class has a Spinozistic Partitioning* [A Classe Universal tem um Particionamento Spinozístico], *Synthese*, n. 27, 1974, respectivamente, pp. 199-209 e pp. 403-418, usando as formalidades da obra de Spinoza para desenvolver seus teoremas Friedman's Generalized Maximization Principle: *Spinozistic partitioning of V* (o conjunto de conjuntos hereditariamente finitos [Princípio da Maximização Generalizada de Friedman: Particionamento Spinozístico de V], e dessa forma ele se afasta muito do que nos interessa aqui.

2 GUEROULT, M., *Spinoza, I Dieu (Ethique, I)*, Aubier-Montaigne, Paris, 1968.

pelas exigências íntimas da razão”³. Portanto, impõem-lhes a preocupação única de se Spinoza em seu desenvolvimento do “*more geométrico*” satisfará as condições formais exigidas a todo o sistema axiomático. Donde, segundo esta proposta, a *Ética* de Spinoza seria um sistema filosófico absolutamente refutável, pois não reúne nenhum dos três critérios de correção formal dos sistemas axiomáticos:⁴ não tem consistência formal (ausência de contradições) porque às vezes Spinoza usa afirmações dos escólios para demonstrar proposições subsequentes; não tem independência axiomática, por exemplo, porque o axioma 2 da Parte 5 é declarado evidente em virtude de uma proposição anterior; também não resiste à completude, uma vez que o sistema axiomático pode ser ampliado sem contradição; por exemplo, é possível deduzir legitimamente a seguinte proposição: “A potência do homem é o seu desejo”, demonstração: o desejo é a essência do homem (pela def. I, Parte 3), o homem é parte da natureza (pela prop. IV, Parte 4), a natureza é igual a Deus, e como a potência de Deus é a sua essência (Prop. XXXIV, Parte 1), o desejo é a potência do homem, pois a essência do homem é uma parte da essência de Deus.

Jarret com o uso da lógica modal também detectou um mau funcionamento do sistema axiomático spinozano: “A rigor, definições que são enunciadas com termos definidos em suas definições devem ser consideradas teoremas derivados. (E elas são facilmente derivadas de suas contrapartes expandidas). Então, apesar das aparências, não é verdade que ‘Axv’ seja definido via ‘Ax’, por exemplo. (Ambos são definidos via ‘Ixy’ e ‘C xv’)”⁵. Também Proietti detectou um funcionamento irregular: “embora não seja possível suprimir qualquer elemento fundador da *Ética* (definição ou axioma) sem perturbar a trama e a tessitura do texto, sem criar lacunas; a supressão e o esquecimento do axioma 2 da parte 1 não cria fraturas, não perturba nenhuma ordem, não torna nenhuma demonstração ininteligível. Colocado na abertura do livro, o axioma não é usado em nenhum outro contexto e não é mais citado em nenhum lugar da *Ética*. É um axioma formalmente inútil”⁶.

Contudo, o fato do texto da *Ética* ser um texto formalmente mal construído, significa que ou a obra não tem valor, porque não diz nenhuma verdade, ou que se está mal construída é porque também a realidade está mal construída, o que é absurdo. Portanto, não importa quão justificadas sejam as interpretações da literalidade, elas são absolutamente estéreis.

3 A FORMA DA ÉTICA CONFORME PEÑA

Mas os estudos formais sobre a *Ética* não param por aí. Peña, na introdução na sua tradução espanhola da obra⁷, dá uma explicação para as inadequações do método geométrico. Prevalece nele a tendência a considerar o “*mos geometricus*” como uma ordem de exposição⁸. De fato, a respeito do “*mos geometricus*” é preciso dizer que o “*mos*” se refere mais à maneira de fazer, à forma, do que à maneira de pensar, ao método, que é outro. Forma e método estão relacionados, mas não são a mesma coisa. A tradução literal de “*mos*” não é “método”, que no Latim tardio é dito “*ratio*”, mas uma “forma de fazer”, o que nos diz mais exatamente o que Spinoza quis dizer. Peña coincide com nossos critérios quando diz: “Essa ‘forma estranha’ da *Ética* não deve

3 GUEROULT, M., *op. cit.*, p. 14. (Todo o parágrafo IV da “Introdução” explica claramente a tese da literalidade).

4 BUNGE, M., *La investigation científica*, Ariel, Barcelona, 1981, parágrafo 7.6.

5 JARRET, Ch. E., artigo citado, p. 51. Tudo o que afirmo é: “*The major assumption on which I proceed is that Spinoza was serious in attempting to present a consistent axiomatized theory of metaphysics*” [A principal suposição com a qual prossigo é que Spinoza levou a sério sua tentativa de apresentar uma teoria axiomatizada consistente da metafísica], *op. cit.*, p. 16.

6 PROIETTI, O., *Sul problema di un assioma inutile in Spinoza* [Sobre o problema de um axioma inútil em Spinoza], *Rivista di Neo-Scolastica*, ano LXXV, n. 2, 1983, p. 224-242.

7 PEÑA, V., *Introducción a Spinoza Etica* [Introdução à *Ética* de Spinoza], Editora National, Madrid, 1980.

8 Entre outros autores, o sistema metafísico é considerado diferente (axiomático: Wolfson, H. A., *The Philosophy of Spinoza* [A filosofia de Spinoza], Schocken Books, Nova York, 1961, v. I; Harris, E., *Salvation from despair. A Reappraisal of Spinoza's Philosophy* [Salvação do desespero. Uma reavaliação da filosofia de Spinoza], Martinus Nijhoff, The Hague, 1973. Por outro lado, Hubbeling demonstrou de forma convincente em seu artigo *The development of Spinoza's axiomatic (geometric) Method* [O desenvolvimento do método axiomático – geométrico – de Spinoza], na *Revue Internationale de Philosophie*, ano 31, n. 119-120, 1977, como Spinoza experimenta algumas das mesmas definições ao longo de sua obra e nem sempre em textos construídos de forma geométrica.

ser tomada de forma absolutamente literal»⁹. Não parece muito bem fundamentado dizer que o pensamento de Spinoza opera internamente dialeticamente, que seu método é a dialética,¹⁰ mas em todo caso há demonstrações rigorosas em sua argumentação formal. Vamos vê-las. Uma maneira pela qual a *Ética* não deve ser tomada de forma absolutamente literal, pois, por exemplo, Spinoza deixa claro que para demonstrar que existe uma única substância, é preciso partir da hipótese de que existem várias (a demonstração é longa e a evitaremos aqui).¹¹ Como segundo argumento aceitaremos a explicação do porquê Spinoza escolheu o método geométrico e não qualquer outro, que é simplesmente porque a forma geométrica era o protótipo de uma forma de exposição racional da construção de conceitos segundo uma ordem rigorosamente demonstrativa. Efetivamente, Spinoza usa esse método porque é baseado nos *Elementos* de Euclides, uma obra redescoberta no século XVII¹², que influenciou diretamente a prática científica e filosófica de muitos autores. O problema da ordem, mesmo o da *mathesis universalis*, rege a formação discursiva do classicismo¹³. Por esta razão, provavelmente, Spinoza abandonou a forma de diálogo que ele parece ter considerado em primeiro lugar, e retornou ao método euclidiano, aquele utilizado no *Renati Descartes Principiorum Philosophie*. E assim, o “*more geométrico*” é usado como uma forma – forma rigorosa de exposição de ideias – e não como conteúdo, pois o conteúdo não é a forma pura da geometria, mas o significado multifacetado da filosofia. E, portanto, a ordem não é necessária, nem geradora exclusiva da verdade. Pode-se razoavelmente supor que a *Ética* poderia ter existido igualmente sem o “*more geométrico*”, embora, tal como chegou até nós, já não seja mais separável da sua forma; mas esse rigor lógico cria muitas dificuldades na expressão no próprio pensamento de Spinoza. Em todo caso, o método de Spinoza não é o geometrismo¹⁴ e nem a dialética, mas algo mais tradicional, o conhecimento intuitivo, como assinala *Tractatus de Intellectus Emendatione*. É claro que desse quarto grau de conhecimento, deriva a possibilidade de formular definições e a dedutibilidade de propriedades, mas essa não é a forma propriamente dita do “*more geométrico*”, mas sim o método pelo qual pode ser preenchida com conteúdo a forma axiomática que a geometria assume.

4 AS “DUAS ÉTICAS” EM DELEUZE

Outro estudioso dos aspectos formais desta obra é Deleuze. Ele abre caminho para estudos formais de um ponto de vista linguístico, não lógico. A sua tese é a das “duas *Éticas*”: “existem então como que duas *Éticas* coexistentes, uma constituída pela linha ou fluxo contínuo das proposições, demonstrações e corolários, a outra, descontínua, constituída pela linha quebrada ou pela cadeia vulcânica dos escólios”¹⁵. Deleuze pensa que estas duas “*Éticas*” podem ser lidas independentemente uma da outra, com isso ele se distancia do teste de literalidade de Gueroult, por mais que tente continuar o caminho iniciado por este: “Neste sentido, a *Ética* é um livro duplo. Pode ser interessante ler a segunda *Ética* sob a primeira, saltando de um escólio para o outro”¹⁶. Deleuze opõe ao nível de leitura literal – a primeira “*Ética*”, isto é, proposições, demonstrações, corolários –, um nível de leitura – a segunda “*Ética*”, isto é, os escólios – que já não são mais regidos

9 PEÑA, V., *op. cit.*, p. 32.

10 “*La textura del pensamiento de Espinosa es dialectica*”, Pena, V., *op. cit.*, p. 33; “*en el orden deductivo de la Etica se ha colado la dialectica*”, *op. cit.*, p. 35.

11 PEÑA, V., *op. cit.*, p. 33 e ss.

12 GEYMONAT, L., *Storia del pensiero filosofico e scientifico [História do pensamento filosófico e científico]*, v. III, Garzanti, Milano, 1982. A respeito de Spinoza, Deleuze ressalta: “*Ce qui interesse Spinoza clans les mathematiques n'est nullement la geometrie analytique de Descartes mais la methode synthetique d'Euclide*” [O que interessa a Spinoza na matemática não é de forma alguma a geometria analítica de Descartes, mas o método sintético de Euclides], in: *Spinoza et le probleme de l'expression [Spinoza e o problema da expressão]*, Minuit, Paris, 1968, p. 120, n. 20.

13 FOUCAULT, M., *Les mots et les choses [As palavras e as coisas]*, Gallimard, Paris, 1966, cap. III, 6.

14 Ver Rábade Romeo, S., *El geometrismo como método y como estilo de pensar en Spinoza [O geometrismo como método e estilo de pensar em Spinoza]*, *Anales del Seminario de Metafísica*, n. XVII, 1982.

15 Deleuze, G., *op. cit.*, p. 318. Também pode-se encontrar uma pequena análise formal dos livros III e IV em Matheron, A., *Individu et Communauté chez Spinoza, [Indivíduo e comunidade em Spinoza]*, Minuit, Paris, 1969.

16 *Ibidem*.

pelas regras da pura dedução lógica, mas pelas do discurso filosófico impuro. E a minha razão para apresentar os escólios como a parte fundamental da obra, é a de que as grandes contribuições estão nestes: “os principais ‘pontos de virada’ da *Ética* estão necessariamente presentes nos escólios”¹⁷.

5 HEGEL E O MÉTODO GEOMÉTRICO

Hegel em suas lições de História da Filosofia fez alguns comentários que sempre estiveram no meio da polêmica sobre o método geométrico: “É natural que o conhecimento que desperta de forma independente tenha primeiro recaído sobre esta forma na qual viu um exemplo tão brilhante; Só nisso a natureza deste conhecimento e seu objeto são completamente mal compreendidos; conhecimento e método matemáticos são meramente conhecimentos formais e completamente inadequados para a filosofia. A cognição matemática apresenta a prova sobre o objeto existente como tal, e não como algo compreendido; falta-lhe completamente o conceito, mas o conteúdo da filosofia é o conceito e o concebido”¹⁸. Hegel critica Spinoza por adotar o método formal, tão inapropriado para a filosofia, e afirma que, se o fez, significa que não se trata de um local formal, mas sim que é precisamente esse o método que lhe permite mostrar a estrutura da realidade. Em suma, que Spinoza acredita ontologicamente em seu próprio método. Mas, como vimos até aqui, há diversos argumentos que invalidam essa interpretação e o mais forte e formal é, sem dúvida, a tese das “duas *Éticas*” de Deleuze. Embora possamos considerar que o “*more geométrico*” é a ordem de exposição, somente quando podemos separar uma parte que não é conduzida pelas regras da lógica, podemos refutar Hegel – não somente ele mesmo, mas também uma série de interpretações posteriores – dizendo que o método, não sendo uma unidade, não pode ser a imagem isomórfica da realidade aos olhos de Spinoza. Lógica e ontologia não coincidem, método e realidade não têm a mesma estrutura paralela, mas, em todo caso, uma isonomia entre a ordem de produção dos atributos de Deus e a sua expressão formal, da mesma maneira que Pensamento e Extensão são duas séries não análogas, mas autônomas. Porém, como têm a mesma ordem e a mesma concatenação, pode-se afirmar que Spinoza pensava que seu método, sem ser a ordem da realidade, mantinha uma certa conexão.

Da mesma forma que uma *Ética* poderia ter sido dada sem ser “*more geométrico*”, poderia ter havido uma *Ética* em forma dialogada com a mesma estrutura ontológica, isto é, com a causalidade imanente e a expressão de atributos dentro de uma hierarquia, e determinadas relações com Deus, como o conteúdo autêntico da obra, à margem de todo tipo de forma.

6 A TRIPLA LINGUAGEM DA ÉTICA

Deleuze introduziu um programa de investigação que levamos adiante. É isto que diz: “Seria necessário um longo estudo dos procedimentos formais da *Ética* e do papel de cada elemento (definições, axiomas, postulados, etc.)”¹⁹. Ele considera os escólios: “Nós gostaríamos apenas de considerar a função particular e complexa dos escólios.”²⁰ Tentamos dar um passo além, mas partindo da hipótese de que a *Ética* é um livro pluriforme, um conjunto de textos fechados de diferentes formas – linguagens, diz Deleuze – com diferentes isotopias formais.

A análise dos elementos acima mencionados nos leva a distinguir não duas, mas três linguagens, dentro da *Ética* – a análise se circunscreve à primeira parte, mas pensamos que pode ser generalizada para toda a obra. Não vemos uma “dupla linguagem”,²¹ mas uma tripla linguagem que tem uma estrutura hierárquica. A primeira linguagem é formada por proposições, corolários, explicações e axiomas, sem demonstrações – que como veremos têm seu próprio

17 Deleuze G., *op. cit.*, p. 317. Os escólios também são considerados como quebra do “*more geometrico*”, em Parkinson, G. H. R., *Spinoza's Theory of Knowledge*, [Teoria do Conhecimento de Spinoza], Clarendon Press, Oxford, 1964, p. 34.

18 Hegel, G. W. F., *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophic Werke* 20 [Lições sobre a História da Filosofia, Obras 20], v. III, Suhrkamp, Frankfurt, 1971, p. 187.

19 Deleuze G., *op. cit.*, p. 315.

20 *Ibidem*.

21 “É por isso que os escólios mais polêmicos reúnem, num estilo e num tom particulares, os dois gostos supremos da afirmação especulativa (o da substância) e da alegria prática (a dos modos): dupla linguagem, para uma dupla leitura da *Ética*”. (Deleuze G., *op. cit.*, p. 322).

peso – ao contrário do que afirma Deleuze. A segunda linguagem é composta exclusivamente de demonstrações. A terceira e última linguagem é formada pelos escólios, proposições, corolários, axiomas e explicações constituindo a linguagem-objeto. Obviamente, a proposição está no lugar mais baixo, naquele com menor riqueza linguística, e de forma autorreferencial. Cada proposição se refere a si mesma e somente a si mesma. São enunciados fechados em si mesmos, que não se referem nem a linguagens superiores nem a inferiores. Elas são simplesmente uma série de justaposições. A relação entre as diversas proposições é estabelecida pela lógica das demonstrações e pela lógica dos Escólios. As proposições mantêm o uso dos mesmos conceitos, mas em nenhum caso se referem explícita ou implicitamente a outras proposições. Do ponto de vista formal, é assim que os elementos funcionam.

Essas duas lógicas são também duas metalinguagens da linguagem-objeto. A explicação dessa hierarquia de linguagens pode ser encontrada no próprio texto. Já dissemos que as proposições se referem apenas a si mesmas e nunca umas às outras. As proposições usam os conceitos dos axiomas. Os axiomas têm uma necessidade lógica, mas não linguística. As proposições usam conceitos indefinidos. Ou, do ponto de vista linguístico, os axiomas são sintéticos e não analíticos em relação às proposições, isto é, os axiomas são como as definições, antes um esclarecimento terminológico, e não um ponto de partida abstrato do qual todo o sistema deva ser derivado, portanto, não é necessário hierarquizar os axiomas. Às vezes, os corolários (ver Cor. na Prop. VI [Parte 1]: “*per Prop. praeced.*”), referem-se às proposições, determinando uma hierarquia dentro do primeiro nível da linguagem, mas nem estes, nem as proposições, nem os axiomas, referem-se às demonstrações, nem aos Escólios. Isso demonstra a autonomia e homogeneidade da linguagem-objeto.

Por outro lado, as demonstrações sempre se referem a proposições, axiomas e corolários (ver Dem. na Prop. V, “*per Prop. I*”, “*per Defin. 3 et Axiom. 6*”), e nunca nos Escólios, portanto, pode-se falar de sua função metalinguística. Mais acima estão os Escólios que sempre se referem a demonstrações, proposições, axiomas e corolários, e conseqüentemente estão em um nível metalinguístico mais alto, isto é, de segunda ordem. Com isso, a hierarquia das linguagens fica clara: há três “*Éticas*”, mas apenas uma filosofia, apenas uma metafísica.

Essa estrutura formal impede leituras literais se olharmos para sua autonomia como linguagens, cada uma baseada em uma lógica diferente, e também impede a leitura separada das três linguagens se olharmos para sua heteronomia, ou seja, sua hierarquização.

7 ANÁLISE DE ESTATÍSTICAS LEXICAIS

A seguir faremos uma análise linguística, baseada nas relações semânticas utilizadas na elaboração do “*thesaurus*”²² e também nos rudimentos da linguística lexical,²³ para podermos perceber a especificidade de cada linguagem e assim comprovar a nossa tese.

Começaremos pela análise dos Escólios para comprovar a tese das “*duas Éticas*”, do ponto de vista da nossa abordagem formal. Observando as proposições fazemos uma seleção representativa, praticamente exaustiva, de dezessete (17) descritores unitermo,²⁴ normalizados para o nominativo: (1-AETERNITAS, 2-AFFECTIONES, 3-ATTRIBUTUS, 4-CAUSA, 5-COGITATIO, 6-CORPUS, 7-DEUS, 8-ESSE, 9-ESSENTIA, 10-EXISTENTIA, 11-IDEA, 12-INTELLECTUS, 13-MODUS, 14-POTENTIA, 15-POTESTAS, 16-RES, 17-VOLUNTAS)²⁵ e de cinco (5) não descritores (sinônimos: 18-NATURAM,

22 O “*thesaurus*” são linguagens documentárias, isto é, léxicos classificados alfabeticamente e semanticamente e, portanto, reúnem as funções de um dicionário e de uma classificação de assuntos ao mesmo tempo. (Ver Chaumier, J., *Analisis y lenguajes documentales [Análise e linguagens documentais]*, Mitre, Barcelona, 1986.

23 Ver Muller, Ch., *Initiation a la statistique linguistique [Introdução à estatística linguística]*, Librerie Larousse, Paris, 1968; para as questões de semântica ver Greimas, A. J., *Semantique structurale [Semântica estrutural]*, Librerie Larousse, Paris, 1966.

24 Por “*descriptor unitermo*” se entende um descritor de uma só palavra; por “*descriptor*” entende-se mais de uma “*palavra-chave*”, mais de uma representação de um conceito sem ambigüidades (são lexemas com semema reconhecido), após a normalização e redução do vocabulário; por “*não- descritores*” entendem-se termos equivalentes, como sinônimos (são lexemas diferentes que têm um mesmo semema).

25 Usamos a edição canônica de Gebhardt, C., (*Spinoza*) *Opera*, v. II, Heidelberg, 1924.

19-OMNIUM RERUM, 20-QUICQUID EST, 21-REALITAS, 22-SUBSTANTIAM), extraídos do mesmo texto. Além disso, arbitrariamente e a priori, determinamos mais 5 descritores, de caráter bastante geral (PSICOLOGIA-2, 11, 12, 17; EPISTEMOLOGIA- 5,11,12; ONTOLOGIA-3, 7, 8, 9, 10, 13, 22; FÍSICA-4, 6, 14, 18; POLÍTICA-15), com a função de delimitar os campos semânticos.²⁶ A profundidade de indexação é 1/22.

A seguir, compararemos esses dados da linguagem objeto (proposições) com aqueles da metalinguagem (Escólios) para ver as características diferenciais. Baseamo-nos em razões puramente estatísticas.²⁷

Pode-se observar que no nível dos Escólios há muitos conceitos “novos”, ou seja, descritores não utilizados em línguas inferiores: MENTIS, HOMINIS, VERITATE, NOTIONES COMMUNES, COGNITIO, MODIFICATIONES, CONCEPTU REI, NUMERUM, (Esc. II da Prop. VIII); VERUM, PRAEJUDICIIS, PARTIBUS, PERFECTIONEM, CERTITUDINEM (Esc. da Prop. XI); JUDICIO, SUBSTANTIAM EXTENSAM, SUBSTANTIAM CORPOREA, QUANTITAS, ARGUMENTUM, SCRIPTORES, CIRCULUM, CIRCUMFERENTIAM, STATU, VACUUM, IMAGINATIONE (Esc. da Prop. XV); ANGULOS, ADVERSARI, OMNIPOTENTIA, VULGO, NOMINE (Esc. da Prop. XVII); VERBO, SENSU (Esc. da Prop. XXV); CONFUSIONEM, PERCEPTA, INTELLECTIONES (Esc. da Prop. XXXI); LUCE, DEFINITIONE, DEFECTUS (Esc. I da Prop. XXXIII); PRODUCTAS, SENTENTIAM, ANIMUM, LIBERTATEM, SCIENTIAE, DECRETO, MUTATIONE, PHILOSOPHI, RATIO, IMPERFECTIONEM, BONAE, MALAE, OPINIONEM, SCOPUM (Esc. II da Prop. XXXIII). A riqueza semântica dos Escólios é evidente. Isso quer dizer que eles falam sobre muito mais coisas do que as outras linguagens inferiores. Além disso, além das referências intratextuais, é preciso ressaltar as intertextuais, palavras como PHILOSOPHI, OPINIONEM, SCRIPTORES, ADVERSARI, são conceitos que relacionam o texto da *Ética* com outros textos exteriores à obra, como por exemplo, Aristóteles. Este é o fenômeno da intertextualidade. Na *Ética* somente os Escólios estruturam a intertextualidade, de modo que a metalinguagem é a linguagem de máxima abertura. E é essa característica a que permite aos Escólios abrir novos campos semânticos – que é a riqueza linguística anteriormente mencionada –, por exemplo: geométrico, CIRCULUM, CIRCUMFERENTIAM, ANGULUS; matemática, NUMERUM, QUANTITATE; gramática geral, NOMINE, SENTENTIAM. Além desses novos campos semânticos, há uma evidente ampliação daqueles que já estavam presentes na linguagem-objeto. Esta é a demonstração linguística que oferecemos da tese das “duas *Éticas*”.

Se a tese deleuziana for aceita, deve-se levar em conta que não há variação semântica entre as demonstrações e as proposições. Deleuze mantém a indistinção entre o que chamamos de linguagem-objeto e metalinguagem. Entretanto, essa tese é completamente refutada quando se verifica o aumento dos campos semânticos da metalinguagem em relação à linguagem-objeto. Vamos ver os dados: RATIO, RATIONES, ORDINAE, NATURAE CORPORAE, IMPOTENTIA, ENTE ABSOLUTE INFINITO, CIRCULUS (Dem. *Aliter* da Prop. XI); PROPRIETATES, GENERE (Dem. da Prop. XVI); LEGIBUS, COACTUS, (Dem. da Prop. XVII); HYPOTHESIN, UNIVERSALES, PRIMUM, NECESSITATE, DURATIONEM (Dem. da Prop. XXI); RES CONTINGENS (Dem. da Prop. XXIX); NATURE ORDO (Dem. da Prop. XXXIII). Os descritores “novos” são poucos, mas suficientes para determinar um incremento de informação dentro dos campos semióticos da linguagem das

26 Por “campo semântico” (“*Begriffsfeld*”) entendemos um conjunto de unidades lexicais consideradas como uma hipótese de trabalho, a fim de demonstrar, de acordo com nossa interpretação do léxico spinozano, que há uma organização estrutural subjacente a alguns grupos de lexemas.

27 De qualquer forma, aqui não nos interessam frequências estatísticas, que já são tratadas de forma excelente em Guéret, M.; Robinet, A.; Tombeur, P., *Spinoza. Ethica: concordances, index, listes de fréquences, tables comparatives [Spinoza. Ética. Concordâncias, Índice, Listas de frequência, Tabelas comparativas]*. Publicações CETEDOC, Université Catholique de Louvaine, Louvaine-la-Neuve, 1977, (66. 916 palavras e 2.309 palavras-lemma) e que tratam a *Ética* como um texto. Entretanto, aqui trataremos a obra como três linguagens separadas e o que nos interessa não é o número de ocorrências que cada palavra tem na totalidade ou em cada linguagem, mas sim quais palavras não aparecem nas linguagens inferiores à considerada. Buscamos a relação da riqueza semântica entre as linguagens e não entre os textos.

proposições. ORDO-LEGIBUS-RATIO-HYPOTHESIN são termos próprios da lógica, são conceitos metacientíficos que aparecem pela primeira vez, e em alguns casos exclusivamente, na linguagem da obra. Embora, do ponto de vista qualitativo, a metalinguagem das demonstrações seja a linguagem mais repetitiva e a mais pobre. Isso pode ser observado por sua função semântica, que não é derivada tanto dos substantivos e substantivações que formam os campos semânticos, mas dos verbos e locuções verbais. Observando comparativamente a função semântica das três línguas, encontramos: que os Escólios têm uma variedade muito ampla de verbos e não são repetitivos sequencialmente; que, por outro lado, os elementos da linguagem-objeto têm um mínimo de uso verbal, INTELLIGO, DICITUR nas definições, EST, HABET nas proposições e SEQUITUR nos corolários. Por outro lado, a função semântica das demonstrações é potentíssima: SI-HABENT/ ERGO POSSUNT/ADEOQUE-ESSE NON POTESIT (Dem. da Prop. VI); IN-NON POSSUNT DARI/ HOC EST/ ADEOQUE-ESSE/ SIVE-NON POTESIT (Dem. da Prop. XI); SI-NEGAS/ NON EXISTERE/ ERGO-NON INVOLVIT/ EST ABSURDUM ERGO (Dem. da mesma Prop. *Aliter*); CONTRADICTIONEM ENVOLVIT (Dem. da Prop. XXVII); ID-EST/ ADEOQUE-EST/ EX QUO ETIAM SEQUITUR/ NAM-SI-FALSA ESSET/ QUOD EST ABSURDUM e devemos adicionar a constante QUO ERAT DEMONSTRANDUM. Em conclusão, as demonstrações não são vazias de conteúdo e, portanto, não apenas os escólios e as proposições têm uma especificidade semântica.

8 A TESE DAS “TRÊS ÉTICAS”

Nossa tese das “três *Éticas*” serve para dissolver o problema do “*more geométrico*”. E se dissolve justamente pelo papel das demonstrações dentro do plano da *Ética*. As demonstrações são o discurso sobre as proposições, são a lógica que impõe uma forma de relação entre elas. Os escólios também aplicarão sua lógica, mas não sobre a pureza das proposições, mas sobre a lógica das demonstrações. Portanto, estes têm uma função capital. Nós já vimos isso. Por um lado, o crescimento reduzido dos campos semânticos e, por outro, a incrível potência da função semântica, demonstram que não existe apenas método geométrico puro, lógica axiomática pura, mas também expressão linguística. Demonstrações como a da proposição XVI, formalizadas, perdem toda a sua riqueza semântica e reduzem toda a sua significação filosófica. O que significa que numa análise lógica escapa toda a questão do significado, tão importante para a filosofia, e que por outro lado, uma análise linguística formal a respeita. Se é possível uma hermenêutica do discurso matemático, como Saccheri realiza com o quarto teorema de Euclides, dando origem às geometrias não euclidianas, então ainda mais o será um discurso que, por mais forjado que seja na dedução axiomática, se realiza com palavras e não com funções ou números.

Spinoza está tentando nos enganar. A *Ética* tem sido, sem dúvida, uma areia movediça para a historiografia. O “*mos*”, a forma, foi confundido com o método, esquecendo que era um conhecimento intuitivo; acreditava-se que a forma era igual ao conteúdo e que o conteúdo era a representação da realidade, quando forma e conteúdo não coincidem; finalmente, foi deixado às demonstrações como o último reduto do geometrismo spinozano. Mas, na realidade, a *Ética* é um livro organizado hierarquicamente em linguagens diversas, que não deixam de ter sua própria riqueza semântica, onde os erros da forma não deixam abafar o conteúdo. E por isso se caiu na armadilha do método, como quem cai no paradoxo do mentiroso, esquecendo-se de distinguir os níveis.

Deve-se entender, então, que as palavras não são símbolos matemáticos tautológicos, são signos, e que, portanto, a *Ética* de Spinoza não é um cálculo dedutivo, mas essencialmente uma narrativa de conceitos, malgrado a sua forma geométrica.

